

Berço das Artes SAMP e Concertos para Bebés: Dois projectos portugueses com a inspiração da Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon

GORDON EM PORTUGAL

Foi em 1995 que o professor Edwin Gordon apresentou em Portugal pela primeira vez a sua Teoria de Aprendizagem Musical. Tudo mudou depois daquele encontro na Fundação Calouste Gulbenkian, promovido pela Professora Helena Rodrigues, que mais tarde viria também a participar na tradução para português das duas principais obras do mestre: Learning Sequences in Music e A Music Learning Theory for Newborn and Young Children. O impacto das ideias e da obra de Gordon, comunicadas e desenvolvidas anualmente ao vivo pelo próprio, alargou-se do universo do ensino e da pedagogia musicais para toda a criação e produção artísticas dedicadas à infância. O número crescente de participantes nos seus encontros, vindos de todo o Portugal, e alguns de outros países da Europa, rapidamente difundiu a sua investigação e trabalhos, que se foram nutrindo e aprofundando nos encontros anuais que se seguiram a 1995. Como alguém escreveu no quadro da sala de conferências no final da primeira comunicação do professor norte americano: Muito obrigado Professor Gordon, depois do dia de hoje nada mais será como antes no ensino da música em Portugal.

Assim aconteceu. Em qualquer das mais de 180 escolas oficiais de música em Portugal existe pelo menos um professor com alguma formação em Gordon, e uma percentagem crescente das mesmas oferece a possibilidade de aulas para crianças abaixo dos 3 anos de idade. Mas não foi só, nem maioritariamente, no ensino que a teoria de Gordon teve impacto. A oferta cultural para a primeira infância recebeu com a vinda deste professor e investigador um tremendo, fecundo e inesperado impulso, e hoje existem em praticamente todas as salas de espectáculos nacionais uma oferta de progra-

mação para bebés. Dos conservatórios de música e salas de concerto o impacto das ideias de Gordon chega a bibliotecas, creches e jardins de infância, associações de pais e grupos de teatro, festivais de artes e programas de formação de professores. A inovação das propostas de Gordon abriu nas comunidades académica e artística portuguesas, bem como na comunicação social e na comunidade em geral, um redobrado e mais atento interesse em muitos outros temas e projectos no domínio da música e artes para bebés. A internet ajudou a essa difusão. Comenta-se e debate-se o chamado Efeito Mozart à luz de Gordon com redobrados interesses. Leva-se a música aos serviços de pediatria dos hospitais nacionais pela mão dos cantos e canções sem palavras da Teoria de Aprendizagem Musical. Indubitavelmente a vinda de Edwin Gordon provocou uma ruptura activa, um marco, lançou um rastilho novo no universo da iniciação musical e da produção artística para a primeira infância. Professores e pais receberam novas responsabilidades, artistas receberam novos desafios e estímulos, e os bebés ganharam novos campos de aprendizagem, fruição, prazer e descoberta. Também novos direitos. Foi pelo crescente número de actividades musicais para bebés em salas de produção profissional, que a legislação portuguesa foi alterada recentemente para permitir a autorização legal de funcionamento a salas com espectáculos para bebés, proibida até então, como de resto cremos que acontece em toda a Europa.

Os Concertos para Bebés são, também eles, naturalmente inspirados na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. Mas não é possível compreender este projecto de criação e produção musical, que teve a sua estreia em 1998 na cidade de Leiria, no centro de Portugal, sem olhar alguns projectos anteriores que lhe dão origem, e que são de natureza pedagógica e não performativa, como o Berço das Artes SAMP.

BERÇO DAS ARTES SAMP

A SAMP, Sociedade Artística Musical dos Pousos, é uma Instituição de Utilidade Pública sem fins lucrativos fundada em 1873. Numa pequena aldeia a 4 quilómetros de Leiria, desenvolve um amplo programa de práticas musicais em torno de uma escola com ensino oficial de música, a Escola de Artes SAMP. O primeiro nível de estudos desta escola, com início em 1992, é o Berço das Artes. Trata-se de um programa de iniciação às artes, para crianças dos 0 aos 5 anos de idade, tendo a música como eixo central de formação. Quando no seu início, este plano de estudos envolvia de forma integrada conteúdos e professores de 4 áreas: música, dança, teatro e artes visuais. Hoje não integra professores de artes visuais, ainda que as mesmas sejam desenvolvidas pelos professores das restantes 3 áreas. Entre 1992 e 1995 o programa também não recebia bebés recém-nascidos, pois na sua origem o projecto dirigia-se exclusivamente à criança deixando os pais à porta da sala de aulas, e por isso só os alunos com 3 ou mais anos ingressavam nestas classes. Na base do projecto da Escola de Artes SAMP foi o método Orff-Schulwerk que alicerçou todo o plano de estudos do Berço das Artes. A vinda de Edwin Gordon a Portugal em 1995 veio refrescar e alargar todo o trabalho até então desenvolvido, e desde aí passaram a integrar o projecto bebés desde o seu nascimento, maioritariamente a partir dos 3 meses de vida, idade em que as famílias sentem ser mais tranquilo esta primeira experiência académica para os seus filhos.

Os alunos deste ciclo de iniciação têm aulas semanais ao longo de todo o ano lectivo, de setembro a junho, e encontram-se organizados por turmas com nomes de cores. Dos 0 aos 6 meses (Carmins) 7 aos 12 meses (Violetas) 13 aos 24 meses (Rosas) 3 anos (Azuis) 4 anos (Verdes) e 5 anos (Vermelhos). Cada turma tem entre 8 e 14 crianças, sempre em parceria com um ou dois adultos acompanhantes. Todas as aulas são realizadas por dois professores, combinados entre música, dança e teatro. Cada um dos pares de professores programa em equipa a sua aula semanal alternada, sendo

que o professor de dança tem de incluir nas suas aulas actividades para o professor de música, e o professor de música tem de integrar dança nas suas aulas. Até aos 3 anos de idade têm uma aula semanal de música-dança com a duração de 45 minutos. Depois dos 3 anos têm duas aulas semanais de 45 minutos, uma de música-dança, e uma segunda aula de teatro-instrumento, conduzida de forma alternada por um professor de música ou de teatro.

A Teoria de Aprendizagem Musical de Gordon foi assimilada pelas práticas já existentes no projecto, e entre 1996 e 2002 foi implementada de forma muito sistémica.

1 – O novo conceito Audiation cunhado por Gordon foi explorado para cada uma das faixas etárias: aculturação, imitação e assimilação;

2 – A obra *Music Play*, e as suas propostas pedagógicas, foi assumida como um manual de trabalho de referência para todos os professores, interpretada num primeiro plano pelos professores de música, mas ao longo do tempo transposta para as áreas do teatro e da dança pelos restante profissionais;

3 – A comunicação não verbal sistematizou-se integralmente para todas as sessões, e obrigou a desenvolver novas fórmulas de trabalho;

4 – O repertório sem palavras de cantos e canções gordonianos substituiu a grande maioria de repertório até então praticado, e provocou uma onda de criação de novo repertório não verbal;

5 – O uso de padrões rítmicos e melódicos cunhou todo o trabalho inicial de aculturação tonal e rítmica;

6 – A diversidade de repertórios, gramáticas e linguagens musicais passou a ser uma busca constante por parte de todos os professores, com redobrados cuidados na escolha e alinhamento de métricas, escalas e modos;

7 – Os testes de aptidão musical, do AUDIE para as primeiras idades, até ao *Advanced Measures of Music Audiation*, foram implementados sistémica e regularmente a todos os alunos, bem como o *Instrument Tim-*

bre Preference Test aquando da escolha do instrumento para prosseguimento de estudos.

A implementação sistémica dos testes de Edwin Gordon, bem como o facto do projecto Berço das Artes se desenrolar numa escola oficial de música, onde há duas décadas ininterruptas se acompanham os alunos dos 0 aos 18 anos com a sua entrada no ensino superior, levou a que chegássemos a alguns resultados de particular significado. Não sendo a SAMP uma instituição de investigação, nem ter esse como um dos seus objectivos, sempre coligimos e avaliamos os resultados do projecto. Aqui partilhamos 4 dos dados mais significativos:

1 – Para a generalidade dos nossos alunos (por muito qualitativas que sejam as aulas semanais de Berço) os bebés e as crianças, mesmo que venham duas vezes por semana à escola de música, quem mais tempo passa com as crianças e por isso mais as condiciona, acultura, e desenvolve, são os educadores de infância, os auxiliares educativos das suas escolas e os pais. As actividades musicais que estes desenvolvem com os bebés são muito mais significativas, porque diárias e com uma maior duração, do que as aulas do Berço das Artes. Logo, tornou-se evidente a necessidade de criar um programa de formação para todos estes agentes educativos, e assim nasceu em 1996 o programa Músicos de Fraldas, ainda hoje em vigor, que anualmente alerta e forma pais e educadores de infância para alguns princípios muito baseados na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon;

2 – Ao fim de alguns anos, confirmámos que não eram por regra os bebés com claros níveis elevados de aptidão musical no início do processo que mais tarde prosseguiram estudos musicais. Eram as crianças que por um lado evidenciavam um claro e imediato prazer no acto da prática e audição musicais, e estavam integrados num contexto familiar que compreendia e estimulava esse prazer. Daqui surgiu a necessidade de substituir muitos dos processos que especificamente promoviam a manutenção da aptidão musical inata do bebé e

o desenvolvimento da sua aptidão desenvolvimental, por um programa mais sustentado de envolvimento das famílias dos bebés, e pelo desenvolvimento de um guião de aula que desse mais espaço à performance dos professores e à multiplicação dos momentos catárticos das sessões;

3 – Trabalhar diariamente, ao longo de muitos anos, com uma equipa de vários profissionais multidisciplinares para bebés e suas famílias, provocou um acumular de saberes, descobertas e competências que foram induzindo no projecto novos desafios e o alargaram para campos inesperados, e de forma alguma previstos. Observar bebés, registar sistemicamente resultados da díade bebé-adulto acompanhante, performar cameristicamente para estas duas gerações ambicionando o envolvimento emocional de ambas, ter de criar semanalmente, ao longo de todo o ano lectivo, aulas que também são performances com um artista de diferentes áreas, e sempre numa profunda e inevitável comunhão com a comunidade onde se insere o Berço das Artes, provocou o transbordo das suas fronteiras.

Integraram-se bebés com diferentes tipos e níveis de deficiência (porque a não verbalidade das sessões e o repertório de cantos e canções sem palavras veio a verificar-se ser particularmente estimulante para crianças autistas) e desenvolveram-se novos projectos de âmbito terapêutico para a primeira infância;

Iniciaram-se programas de âmbito hospitalar, primeiro para a pediatria com o Allegro Pediátrico, e mais tarde para a doença mental, as salas de espera das urgências, ou as unidades de dor;

Desenvolveram-se programas para idosos em estado terminal com base no mesmo modelo de sessão para os bebés, e hoje o projecto Novas Primaveras dedicado a diferentes públicos de idosos chega a muito mais utentes que as centenas de bebés do Berço das Artes; As equipas do Berço das Artes passaram a ser convidadas para desenvolver vários programas no âmbito da música na comunidade com base no modelo de trabalho desenvolvido com os bebés e suas famílias, dos

quais o Ópera na Prisão é actualmente o mais significativo;

4 – Apesar de se oferecer música vocal e instrumental ao vivo nas sessões do Berço das Artes, os pais e educadores de infância reclamaram a possibilidade de ir com os seus bebés a salas de concerto. Mas, porque as salas de concerto da chamada música clássica (sinfónica, ópera) estavam legalmente fechadas a crianças com menos de 3 anos, surgiu a necessidade de se oferecer música ao vivo à primeira infância. Nasceram os Concertos para Bebés;

CONCERTOS PARA BEBÉS

Quando em 1998 iniciámos os Concertos para Bebés, o nosso objectivo era complementar as aulas que os mesmos tinham semanalmente com uma dimensão essencialmente pedagógica, com um programa também regular de pura fruição, sem qualquer intencionalidade de ensinar música ou promover melhores níveis de aptidão musical ao público em causa.

A diferença mais significativa entre os primeiros concertos e a actualidade reside no facto de no início se considerarem somente os bebés como público, e hoje todo o projecto ser desenhado para contemplar os bebés em díade ou tríade familiar. O bebé está nos concertos ao colo de uma mãe ou pai, tem um irmão mais velho ao lado, e muitas vezes os avós que o acompanham. O seu nível de envolvimento e fruição do concerto varia muito em função da atitude de quem o acompanha, em especial se a pessoa que o tem ao colo também está envolvida. Se o adulto que está com o bebé ao colo se envolver no processo de fruição, o bebé percebe e descodifica-o pela respiração, tensão muscular e postura física do colo que o acolhe. É pelo cruzamento do interesse e gosto pessoal do bebé, que já tem, com os indicadores físicos não verbais que lhe são dados pela pessoa que o tem em seus braços, que o bebé decide investir mais ou menos na atitude de escuta e audição de cada concerto. Por isto, todo o processo de construção destes concertos evoluiu no sentido de ofe-

recer um momento musical intenso a 4 gerações: bebés, irmãos mais velhos, pais e avós.

Quem são os intérpretes dos Concertos para Bebés? Hoje é um octeto residente com 4 instrumentistas, 3 cantores e uma bailarina. Depois de um longo processo de experimentação nos primeiros 5 anos de projecto (cordas, sopros ou percussões? registos agudos ou graves? mais música vocal ou instrumental? Que géneros mais aconselhados? Que compromisso entre a música clássica, o jazz ou a música tradicional? etc.) chegou-se a uma formação com dois saxofones (alto e barítono) clarinete soprano e acordeão. Para além deste octeto residente existem mais de 60 solistas convidados de todos os principais instrumentos da nossa cultura. O maior número vem da música clássica (todos os instrumentos de orquestra, cravo, piano, etc.) mas estão também presentes as novas linguagens com os computadores e dispositivos electrónicos, bem como instrumentos das músicas tradicionais do mundo e do pop rock.

Nas duas salas onde o projecto está em residência existe um programa novo todos os meses, que se constrói em torno de um tema ou solista convidado. Boa parte dos bebés melómanos destas salas convencem os seus pais a comprar bilhetes para toda a temporada, o que, ao longo dos seus 5 primeiros anos de vida lhes permite coleccionar 50 concertos. É já superior a 25% a percentagem de bebés que vai a todos, ou quase todos os programas do nascimento aos 5 anos, idade limite. Ou seja, com 5 anos de idade já ouviram tocar ao vivo todos os instrumentos mais significativos da sua cultura.

Em todos os concertos se oferecem oportunidades para que o público participe cantando ou tocando. Esses momentos podem ser simples padrões rítmicos ou melódicos que se repetem em ostinato, a que se sobrepõem improvisações instrumentais dos solistas, podem ser frases melódicas um pouco mais elaboradas do repertório do concerto, ou participação rítmica com alguns objectos quotidianos, como pequenas pedras

ou conchas, que se distribuem em determinado momento a todo o público adulto. Esta participação directa do público adulto com os intérpretes profissionais é uma das fontes da forte relação emocional que bebés e adultos estabelecem com este projecto. Os bebés descobrem que fazer música importa e dá prazer aos adultos de quem mais gostam, e experienciam esses momentos ao colo dos adultos em quem mais confiam. Mas os pais também descobrem que podem diariamente brincar com os seus filhos usando a música, com fórmulas simples e recursos ao alcance de todos. Deve sublinhar-se que neste projecto a música é algo que se frui, mas também um processo precioso no qual se participa.

O espaço onde decorrem os concertos foi sendo apurado e concebido para permitir uma grande cumplicidade entre intérpretes, bebés e adultos. Existem momentos em que os territórios de público e artistas estão muito bem delimitados, mas muitos outros onde o palco é toda a sala de concerto e aí abundam os contrapontos entre instrumentistas e os bebés mais ousados. Um rectângulo central de 8 metros por 6, vestido por um desenho de luz que oscila do ambiente intra-uterino ao dia de pleno sol, constitui a área principal da acção. Em torno deste, dois outros rectângulos maiores o abraçam para receber o público acima dos 18 meses, em almofadas num nível intermédio, e cadeiras no exterior de toda a cena para adultos sem bebés. Refira-se que é crescente ao longo da história do projecto o número de adultos sem bebés que o frequenta. Antes de ter início o concerto neste seu palco central, todo o público é acolhido num espaço exterior com uma breve performance que partilha alguns procedimentos e regras a cumprir pelos adultos. Entre estas regras importa tranquilizar as mães dos bebés que possam chorar no decorrer do concerto dizendo-lhes como proceder, desaconselhar que peguem nas mãos dos seus filhos para com elas bater palmas, e, mais importante, que não tentem explicar aos seus bebés o que estão a ouvir e o que está a acontecer à sua volta. Importa que o

concerto seja desfrutado o mais intensamente possível pelos bebés, íntima, livre e individualmente, pois estes são bem maiores especialistas a aprender o que verdadeiramente interessa ao ser Humano do que os adultos seus pais ou avós. Com este acolhimento num foyer se permite que depois em palco se possa desenrolar todo o concerto sem recurso a qualquer palavra. Para além dos palcos de salas de concerto, algumas temáticas ou instrumentos solistas convidados aconselham outros espaços como o interior ou o claustro de uma catedral, um jardim especialmente bonito, ou um auditório ao ar livre acústica e meteorologicamente protegido.

Apesar dos Concertos para Bebés se afastarem muito de uma sessão como as apresentadas em Music Play, ou das realizadas no Berço das Artes, continuam presentes alguns elementos chave da Teoria de Aprendizagem Musical. Todo o concerto é não verbal, são respeitados os tempos de aprendizagem dos bebés, com obras que oscilam entre os 30 segundos e os 2 minutos, procura-se um contraste de gramáticas musicais, são usados padrões rítmicos e melódicos com o envolvimento dos pais, e são seleccionados alguns adereços que ajudam os bebés a focar de forma mais rica e intensa com os objectos sonoros e musicais oferecidos.

Sabendo da importância em nutrir os bebés com uma aculturação musical o mais rica e equilibrada possível, é fácil perceber porque é a chamada música clássica que ancora toda a programação do projecto. Aqui, dentro do imenso património musical da humanidade, mais facilmente se encontra disponível uma variedade de formas, estruturas harmónicas, contrastes de dinâmica, densidades, andamentos e timbres, do que em qualquer outra linguagem musical. Mas, sendo a âncora a música clássica, esta não ocupa exclusivamente a programação dos Concertos para Bebés. O Jazz, e muito especialmente as músicas tradicionais estão com frequência presentes nos concertos, pelo que representam da nossa cultura e identidade, mas também pela abertura que deixam a um envolvimento directo do público na performance

Pelos bebés e com a Música se abrem novos caminhos para uma sociedade onde a Arte não é somente um objecto de luxo e de fim-de-semana, ou uma actividade extra-curricular para alguns privilegiados, mas um bem quotidiano e precioso para todos. Quando se verifica uma redução crescente das áreas artísticas leccionadas nos currículos gerais da escolaridade obrigatória do mundo ocidental, assumem particular relevo os projectos que mantêm as pessoas vinculadas aos processos criativos únicos da espécie humana. A Música é seguramente a maior das fontes que alimenta no Ser Humano essa necessidade de criar e de se transcender, e quando ensinada e praticada com e para bebés revela-se ainda mais fecunda nos processos e nos resultados.